



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

DANIELA DE JESUS BEZERRA DA SILVA

**O OLHAR DAS CRIANÇAS DE ESCOLA PÚBLICA SOBRE AS RELAÇÕES
PARENTAIS**

**CAMPINA GRANDE
2018**

DANIELA DE JESUS BEZERRA DA SILVA

**O OLHAR DAS CRIANÇAS DE ESCOLA PÚBLICA SOBRE AS RELAÇÕES
PARENTAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientador: Profa. Dra. Ana Cristina Rabelo Loureiro.

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586o Silva, Daniela de Jesus Bezerra da.
O olhar das crianças de escola pública sobre as relações parentais [manuscrito] : / Daniela de Jesus Bezerra da Silva. - 2018.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Ana Cristina Rabelo Loureiro , Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Relações parentais. 2. Estilos parentais. 3. Práticas educativas. 4. Desenvolvimento da criança.

21. ed. CDD 306.85

DANIELA DE JESUS BEZERRA DA SILVA

O OLHAR DAS CRIANÇAS DE ESCOLA PÚBLICA SOBRE AS RELAÇÕES
PARENTAIS

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientador: Profa. Dra. Ana Cristina Rabelo Loureiro.

Aprovada em: 15/06/2018.

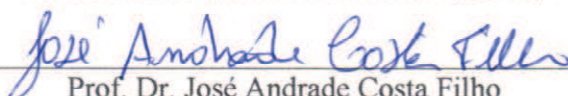
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Ana Cristina Loureiro Rabelo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ms. Lorena Bandeira de Melo Sá
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Andrade Costa Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICO essa conquista a Deus que me sustentou, guiou e protegeu durante toda a minha trajetória acadêmica e a minha mãe, que lutou junto comigo quando eu mais precisei.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Teresinha de Jesus e Sebastião Alcir, por exercerem tão bem a função de mãe e pai e me proporcionarem uma boa perspectiva de futuro e, acima de tudo, por serem duas pessoas especialíssimas com um coração tão bonito. Obrigada por toda a parceria em toda essa longa jornada. Tenho orgulho de ser filha de vocês.

Ao meu noivo amado Diangelys Vasconcelos, por ser meu companheiro, cúmplice e melhor amigo. Por se fazer presente em todos os momentos mesmo não estando por perto. Obrigada pelo seu carinho, sua alegria, atenção, vibração com as minhas conquistas e seu apoio em cada momento difícil. Você é o homem com quem eu desejo compartilhar todos os meus sonhos e a minha vida. **Eu te amo, amor.**

Às minhas irmãs: Gabriela, Isa, Rafinha e Lica pela amizade e incentivo. Por terem me motivado a crescer e quererem o meu bem. E por todas as vezes que estiveram ao meu lado.

À Ana Cristina Rabelo Loureiro minha orientadora, por ter acreditado no meu potencial e ter contribuído para a minha formação profissional quero expressar o meu reconhecimento.

À banca por ter aceitado o meu convite e fazer parte desse momento único e especial em minha vida.

Agradeço aos meus colegas de classe e com certeza futuros excelentes profissionais pelo companheirismo, dignidade, carinho, autenticidade e amizade.

Por fim, sou grata a todos aqueles que, mesmo não estando citados aqui, sabem que contribuíram de uma forma ou de outra para que esse dia chegasse. Para os que torcem por mim e ficam felizes com a minha conquista.

MEU MUITO OBRIGADA!

“Recordo ainda... e nada mais me importa.

Aqueles dias de uma luz tão mansa

Que me deixavam, sempre, de lembrança,

Algum brinquedo novo a minha porta...”

Mario Quintana

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 Influência das relações parentais no desenvolvimento da criança.....	9
1.2 Estudos empíricos sobre a influência das relações parentais no desenvolvimento da criança	11
1.3 A criança como atora social.....	12
2 MÉTODO	14
2.1 Tipo de pesquisa	14
2.2 Participantes.....	15
2.3 Local	15
2.4 Procedimento de coleta de dados	15
2.5 Procedimento de análise de dados	16
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24

O OLHAR DAS CRIANÇAS DE ESCOLA PÚBLICA SOBRE AS RELAÇÕES PARENTAIS

Daniela de Jesus Bezerra da Silva*

RESUMO

Este artigo, tomando por base os tipos de relações parentais que existem em diversos modelos de família, busca analisar o olhar das crianças sobre as relações existentes entre pais e filhos. Tal fato se justifica considerando as inúmeras queixas apresentadas pelas famílias e pelas escolas sobre as dificuldades de relação tanto com as crianças como com os adolescentes, considerando, principalmente os temas relativos aos limites e ao respeito. Parte-se do princípio de que a família é, reconhecidamente, a principal instituição responsável pela educação dos filhos e, portanto, influencia de forma determinante no desenvolvimento do ser humano, nas suas dimensões afetiva, cognitiva, social e cultural. É ali, no seio da família onde os vínculos são criados e os valores, as crenças e os sentimentos se estabelecem. Ademais, não se pode deixar de analisar as influências históricas, culturais e sociais sobre os diferentes modelos de famílias e sobre as diferentes formas de relações parentais. Neste contexto, busca-se especificamente estudar como as crianças analisam as relações com seus pais, caracterizando os estilos parentais e as práticas educativas. Para tanto, utilizou-se uma metodologia qualitativa, do tipo descritiva, cujos participantes foram 15 crianças da escola pública, com idade variando entre 9 e 11 anos. O instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada, gravada e transcrita para ser analisada a partir da análise de conteúdo bardiniana. Destaca-se, assim, a capacidade crítica das crianças e a importância de se realizar pesquisa com essa faixa etária auxiliando seus pais a refletirem sobre as consequências das relações parentais para seus filhos.

Palavras-chave: Relações Parentais. Estilos parentais. Práticas educativas. Criança.

1 INTRODUÇÃO

Independentemente de sua estrutura ou modelo, a família é a primeira e mais importante instituição social que o indivíduo faz parte e onde são estabelecidas as primeiras relações de suma influência na sua formação.

Historicamente, a família é reconhecida como uma instituição que recebe influências da sociedade, ao mesmo tempo em que a influencia. Nesse processo faz-se necessário considerar que a família vem se modificando de acordo com as transformações sociais, históricas e culturais, provocando, conseqüentemente, em cada contexto, mudanças nas

* Graduanda em Psicologia pela UEPB. E-mail: danieladejesus11@gmail.com

relações socioafetivas entre pais e filhos (ARIÈS, 1981; MONTADON, 2005; PATIAS, SIQUEIRA & DIAS, 2013).

Roudinesco (2003) afirma que a família é “célula de base da sociedade” e reconhece três importantes períodos da família ocidental: a família tradicional, a moderna e a contemporânea ou “pós-moderna”. A família tradicional é tipicamente reconhecida no período que corresponde dos séculos V ao XV, tendo como principal característica a autoridade patriarcal e a transmissão de heranças, onde o pai é tratado como uma pessoa que exerce o controle do seu lar. Por outro lado, nesse modelo de família, o papel da mulher resume-se ao cuidado dos filhos e ao cumprimento das atividades domésticas. A família moderna do final do século XVIII é marcada por fatos históricos como a revolução francesa, a abolição da monarquia e o surgimento do período industrial, acontecimentos que geraram mudanças radicais na estrutura urbana e na ordem familiar. O ingresso da mulher no mercado de trabalho a torna cada vez mais responsável pela dinâmica familiar e o pai, aos poucos, perde a autoridade absoluta. Por último, tem-se a família contemporânea ou “pós-moderna”, que começa a ser delimitada a partir da década de 1960, com diferentes formas de composições e de padrões relacionais, baseados numa convivência mais igualitária entre os seus membros e com a característica de atemporalidade, ou seja, a união dura enquanto existir o amor e o prazer (ROUDINESCO, 2003; GALANO, 2006; HINTZ E BOCK, 2001; FURTADO & TEIXEIRA 2002).

Atualmente, uma das abordagens teóricas sobre o estudo da família se baseia na visão sistêmica a qual, analisa a instituição familiar como um sistema aberto, suscetível às influências externas e mútuas do grupo. Parte-se do princípio de que um sistema baseia-se na ligação de cada componente aos demais, e estes, por sua vez, a outros sistemas. Assim, cria-se uma rede de relações que vai muito além do indivíduo e mesmo que este não tenha contato direto com mais sujeitos dessa teia, pode vir a ser afetado apenas por ser associado a eles. Desse modo, pode-se mencionar que, a família é uma rede social onde cada membro dela se relaciona de modo particular, com a dinamicidade contida ali. A partir da integração proporcionada pelo seu sistema comunicacional, redes de subsistemas exercem papéis distintos e funcionais, como o afeto, a educação, a socialização de valores e regulação social, além do apoio financeiro e abertura para novas redes (SLUZKI, 2003).

A partir desta contextualização, parece ficar evidente que as relações parentais vêm se modificando à medida que se estruturam novos modelos de família e, neste sentido, vários teóricos têm analisado a influência dos pais no processo de desenvolvimento da criança, considerando os aspectos afetivos, cognitivos, sociais e culturais.

1.1 Influência das relações parentais no desenvolvimento da criança

As relações parentais baseiam-se em relações de poder, principalmente dos pais sobre os filhos, que podem utilizar-se de duas formas diferentes de estratégias para alterar o seu comportamento: a disciplina indutiva e a coercitiva. Na primeira, os pais fazem uso do diálogo para modificar de forma voluntária o comportamento da criança, expondo as consequências de suas atitudes. Já a disciplina coercitiva aplica-se o uso do poder sem explicações, utilizando de castigos e/ou punições em busca da mudança de comportamento.

De acordo com Piaget (1977), Kohlberg (1976), Hoffman (1990), é no convívio familiar que se inicia o processo de desenvolvimento dos sentimentos, valores e crenças do indivíduo e, por conseguinte, essa instituição possui um papel primordial na educação das crianças, influenciando-as na sua maneira de ver o mundo, de existir e de desenvolver as suas relações sociais.

Considerando as contribuições de Piaget (1969), os valores morais são construídos a partir de relações sociais e afetivas, estabelecidas entre a criança e os diversos ambientes sociais, com destaque para as relações parentais. Fundamentando-se nas ideias de Bovet (1912), Piaget (1977) argumenta que as primeiras noções de obrigação se originam a partir do sentimento de respeito que as crianças desenvolvem nas interações sociais, principalmente com os seus pais. Esse sentimento é gerado a partir das relações de afeição e de temor. A afeição surge a partir das primeiras sensações de simpatia e está ligada aos processos de aproximação entre a criança e o adulto. O temor, por outro lado, está ligado à situação de submissão do inferior ao superior. Ambos os sentimentos influenciam na aceitação de regras e instruções que, por sua vez, originam a noção de obrigação.

Estabelecendo um paralelo entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento moral, Piaget (1977) argumenta que os valores morais estão diretamente relacionados ao respeito unilateral (quando a criança ainda não se desenvolve cognitivamente para compreender a perspectiva do outro) e ao respeito mútuo (quando a criança constrói a noção de cooperação e a consciência do dever). Nesse sentido, Piaget (1975; 1998) enfatiza a importância de pais e professores estabelecerem relações democráticas com as crianças, pois estas proporcionam melhores condições de desenvolvimento cognitivo, social e afetivos.

Hoffman (1994) desenvolveu alguns estudos sobre o desenvolvimento infantil que abordaram especificamente as práticas educativas parentais, as quais se expressam, particularmente, durante as interações entre pais e filhos e se destinam à socialização, ou seja,

referem-se às estratégias utilizadas pelos pais para proporcionar a aprendizagem de valores, normas e comportamentos, dos seus filhos.

As práticas educativas são, portanto, escolhidas pelos pais e se classificam em: estratégias coercitivas e as indutivas. A coercitiva caracteriza-se pela aplicação direta da força, do controle, da imposição, incluindo a punição física, a privação de privilégios e afetos e o uso de ameaças, provocando limitações para o desenvolvimento da autonomia e da compreensão das consequências de suas ações; já a indutiva que se caracteriza pela utilização de explicações e negociações, visa a compreensão das crianças sobre as consequências do seu comportamento em relação às outras pessoas, proporcionando o desenvolvimento da noção de dever e uma possível autonomia e controle do comportamento (HOFFMAN, 1990).

A partir do pressuposto teórico construtivista, Baumrind (1960) desenvolveu estudos voltados para a compreensão das relações parentais, sendo estes considerados como um dos pioneiros nesta área. A referida autora define os estilos parentais como sendo a maneira pela qual os pais desenvolvem a relação com os filhos nas diversas situações do cotidiano. A partir deste conceito foi apresentada uma tipologia desses estilos, caracterizando as diversas formas de relações parentais, com também suas consequências para o desenvolvimento socioafetivo da criança. Os estilos são: autoritário, autoritativo e permissivo. No estilo autoritário há uma tentativa de controlar e modelar, de forma rígida, as atitudes da criança. Os pais valorizam uma obediência absoluta, não valorizam o diálogo e a autonomia da criança e costumam utilizar medidas punitivas (verbais ou físicas) para controlar o comportamento dos filhos. Os pais autoritativos buscam equilibrar o controle e o afeto, a disciplina é aplicada de forma indutiva, a comunicação é baseada no respeito mútuo, há o respeito pela individualidade dos filhos, estabelecendo os limites e as normas. Já os pais permissivos, para Baumrind (1965), tentam se comportar de maneira não-punitiva e receptiva diante dos desejos e ações da criança; apresentam-se para ela como um recurso para a realização dos seus desejos e não, como um modelo nem como um agente responsável por moldar ou direcionar seu comportamento.

Na década de 80, Maccoby e Martin (1983), reformularam os estudos de Baumrind através do desdobramento do estilo permissivo, dividindo-o em dois: responsividade e exigência. A responsividade se refere às atitudes de compreensão que os pais manifestam com seus filhos, conferindo apoio emocional e bi-direcionalidade na comunicação, ou seja, quando há lugar para dialogar. Isso favorece o desenvolvimento da autonomia e da auto-afirmação. A dimensão exigência se caracteriza pelo controle da conduta dos filhos e a implantação de limites.

Na mesma linha de investigação sobre as relações parentais e buscando compreender as influências culturais e sociais sobre as relações parentais, Bem e Wagner (2006) desenvolveram estudos indicando que a maneira como os pais foram educados no passado pelos seus próprios pais, pode influenciar no estilo parental que eles escolherão utilizar no processo educativo de seus filhos. Esse processo tende a ser repassado de geração para geração, de forma tal que os filhos tendem a agir a partir dos valores aprendidos na sua família e, na maioria das vezes, esse processo influenciará além de como eles exercerão as funções de pai e mãe no futuro.

A partir destas e de outras contribuições teóricas, alguns estudos empíricos foram desenvolvidos, buscando ampliar os espectros das teorias e relacionar os achados científicos com a realidade. A seguir, serão apresentados alguns desses estudos, enfocando, principalmente, a relação entre relações parentais e o desenvolvimento dos filhos, ainda na fase da infância.

1.2 Estudos empíricos sobre a influência das relações parentais no desenvolvimento da criança

Com bases em pesquisas de campo e teórica, verifica-se a importância da família sobre o desenvolvimento da criança, sendo este um assunto que vem sendo muito abordado pela ciência psicológica (MILLAN, BORGES, CIA, 2013).

Enfocando a importância das práticas e estilos parentais no desenvolvimento psicossocial dos filhos, Toni e Hecaveí (2014) pesquisaram a relação entre práticas educativas parentais e o nível de rendimento acadêmico em crianças. O instrumento utilizado foi o Inventário de Estilos Parentais de Gomide (2006), o qual avaliou as médias das práticas educativas dos pais. Sendo esta avaliação correlacionada com as notas escolares dos filhos, os resultados indicaram diferenças significativas entre as médias acadêmicas dos filhos cujas práticas parentais (principalmente das mães) eram fundamentadas no diálogo e as médias acadêmicas dos filhos, cujas práticas parentais foram fundamentadas na punição, na ausência de afeto e de diálogo. Consequentemente, as médias mais elevadas de práticas educativas foram diretamente relacionadas com os melhores escores acadêmicos dos filhos.

Estes estudos citados fortalecem a concepção da importância de práticas educativas na dinâmica de funcionamento familiar, podendo proporcionar ferramentas construtivas para o desenvolvimento socio-afetivo de crianças e adolescentes. Diante do exposto, verifica-se a vinculação dos estilos parentais a diversos aspectos do desenvolvimento psicossocial de

crianças e adolescentes, como auto-estima, ajustamento social, psicopatologia e desempenho escolar (STEINBERG, 2001).

Fundamentados na perspectiva da sociologia da infância, Corsaro, (1997, 2009), Sarmiento (2008), Sirota (1998), Montandon, (1998) mostram como as crianças sabem exprimir-se a respeito de suas experiências e indicam que seus relatos podem esclarecer e ampliar os conhecimentos sobre os processos educativos, legitimando o reconhecimento da criança como ator social, competente para falar das suas experiências diante das relações parentais, e também corroborando com as perspectivas teóricas interpretativas e construtivistas da socialização que consideram as crianças e os adultos participantes igualmente ativos na construção social da infância e na reprodução interpretativa de suas culturas (CORSARO, 1997).

1.3 A criança como ator social

Tratando-se da criança, a compreensão dos conceitos sobre infância e família, está em permanente construção, visto que o sentimento pela tenra fase, não esteve presente em toda a história da família. A ideia de que a criança é um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, é recente. Na antiguidade, a criança enquanto integrante do contexto social e familiar possuía pouca representação do que hoje se nomeia infância. Em meados do século XII, a arte medieval desconsiderava e negligenciava qualquer manifestação artística que ofertasse lugar ao infantil. O *infans* era equiparado à figura do adulto, tanto no que se refere aos costumes quanto às vestimentas. As crianças eram consideradas como adultos em miniaturas, que estavam em um período de transição, sem lembranças e ultrapassado (ARIÈS, 1978).

No século XIII, a criança, considerada como um anjo recebia ensinamentos para trabalhar nas missas e tornar-se seminarista, o que dá margem para um sentimento moderno em relação à infância. Nessa mesma época, havia um segundo tipo de criança, aquela ancestral das demais, como o Menino Jesus e até a Nossa Senhora menina. A partir desse ideal, surge o enigma da maternidade, onde a ligação sentimental entre a mãe e o filho evidencia-se nitidamente nas pinturas da época. Não obstante, mesmo que essa percepção tenha se limitado apenas ao Menino Jesus, ela se constitui um contraste na forma como Jesus criança era visto no século XII, um adulto de tamanho reduzido (ARIÈS, 1978).

No final da idade média, surgiu a criança despida, caracterizando o que os historiadores nomeiam como fase gótica. Na arte medieval Francesa, a alma era representada

como uma criança nua assexuada. Porém, os tipos religiosos de iconografias medievais, que retratavam o infantil, diversificam-se e ganham devido destaque por volta dos séculos XV e XVI.

Apesar das crianças ocuparem um lugar secundário nessas pinturas, pois não eram os personagens principais, elas eram caracterizadas de maneira mais descontraída com suas famílias, esbanjando graciosidade. Diante desse repertório artístico percebe-se que, o cotidiano das crianças era em conjunto com o dia-a-dia dos adultos, participando inclusive de reuniões de trabalho. Ainda durante o século XVI, a infância foi marcada pelo retrato da criança morta, que tinha sua imagem representada junto ao túmulo dos familiares. Mesmo assim, no século XVII, o sentimento em relação ao infans continua inexistente, como enfatiza o historiador Ariès (1981) ao mencionar que perder dois ou três filhos pequenos, não era um evento sem tristeza, mas era sem desespero. A criança era percebida como alguém neutro e sem importância, apenas o adulto detinha uma construção subjetiva e social.

Durante o período do século XVII e XVIII, a mortalidade infantil acentuava-se cada vez mais, influenciando para uma visão de fragilidade em relação à infância. No entanto, apesar dessa percepção de fraqueza, a sociedade começou a ter uma maior preocupação com as crianças. As famílias queriam vacinar seus filhos, além de ter outras práticas de higiene, reduzindo de tal forma, o índice de mortalidade. Percebeu-se, pois, uma mudança quanto à construção social da infância. Isso foi reflexo nos retratos produzidos na época, neles, a criança era o polo de organização e harmonização familiar.

Ainda por volta do século XIX, o Cristianismo influenciava essa construção social do que seria o infans. O pequeno que era batizado tinha sua alma imortalizada e purificada. Nesse mesmo século, a fotografia substituiu os retratos. Porém, o sentimento em relação à infância apenas inicia suas mudanças, pois, a partir desse período, a infância passa, aos poucos, a ser tratada como um estágio especial da vida humana. Os artistas começaram a expressar, através da arte, os sentimentos do adulto em relação à criança, que até então estavam ocultos. A criança passa a ser vista de uma maneira particular, torna-se um membro fundamental e central da família, cabendo aos pais a sua educação, assim como o dever de amá-la e protegê-la. Essa visão se fortalece no século XX, quando a criança se torna o centro das atenções dentro da família, ocupando um lugar especial na sociedade contemporânea. A infância passa a ser considerada como um período importante para a formação do indivíduo, e as experiências vividas nessa fase como base para a personalidade adulta.

É com base nesses aspectos, que o presente artigo traz a proposta de estudar as relações que se estabelecem entre os pais e filhos, a partir dos estilos parentais escolhidos

como prática educativa. Não obstante, vai um passo adiante, ao considerar, de forma inovadora, a evidência da capacidade crítica das crianças para avaliar a maneira como são educadas. No intuito de nortear a pesquisa, questiona-se: o que as crianças de diferentes idades pensam e sentem sobre as práticas educativas adotadas por seus pais? Quais as práticas educativas e os estilos parentais mais identificados pelas crianças, considerando-se diferentes idades? O que as crianças de diferentes idades julgam ser fundamental nas relações parentais? O objetivo deste trabalho está em analisar o olhar das crianças sobre as relações que os pais estabelecem com os filhos, buscando caracterizar, a partir desse olhar, os tipos de estilos parentais e de práticas educativas adotados por seus pais.

Considera-se esse estudo relevante na medida em que o conhecimento do olhar da criança pode auxiliar os pais a refletirem sobre suas relações com seus filhos. Ao procurar entender mais sobre esse olhar do filho, os pais ganham um saber que os possibilita uma melhor prática educativa, permitindo construir em casa, um ambiente mais cordial, fortalecendo laços e dando a instituição familiar uma base mais sólida. Ademais, este estudo busca contribuir para evidenciar a capacidade crítica das crianças analisarem as sua realidade circundante.

Faz-se necessário esclarecer que este estudo representa um recorte de uma pesquisa que foi realizada por meio do programa do PIBIC/UEPB (cota 2016-2017), cuja bolsista foi a aluna Larissa Moura e eu atuei como colaboradora, sob a supervisão da professora Ana Cristina R. Loureiro. Para tanto, anteriormente foi feita uma consulta a referida bolsista e , como todo o trabalho foi realizado conjuntamente entre eu e ela, recebi autorização para utilizar parte dos dados no meu Trabalho de Conclusão de Curso.

2 MÉTODO

2.1 Tipo de pesquisa

Considerando o objetivo deste trabalho, optou-se pela realização de uma pesquisa de campo, do tipo descritivo, a qual, segundo Minayo (1994), não se reduz a operacionalização de variáveis, mas trabalha com significados, motivos, crenças e valores, buscando aprofundar o universo das relações dos fenômenos e dos processos sociais.

2.2 Participantes

Participaram da pesquisa 15 crianças dos dois gêneros, de duas escolas municipais de ensino fundamental da cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba, com idade variando de 9 a 11 anos, sendo 5 crianças de cada faixa etária. A escolha dos participantes ocorreu de acordo com critério de disponibilidade e da autorização dos pais para que as crianças fossem entrevistadas. Ademais, considerou-se com participante a criança que, embora não tivesse na guarda do pai e/ou da mãe, era criada por parentes (principalmente avós) e a relação era parental.

2.3 Local

Reconhecendo que a escola é um espaço onde se consegue ter acesso mais facilmente às crianças, o estudo foi realizado em duas escolas públicas de ensino fundamental, na cidade de Campina Grande- PB.

2.4 Procedimento de coleta de dados

Anteriormente à coleta de dados, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, por meio da resolução 466/2012.

Para a coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada, a qual abordava questões relativas às relações parentais, enfocando a visão da criança sobre a afetividade com seus pais, as práticas educativas adotadas pelos pais, os estilos parentais e a visão das crianças sobre esse processo.

Antes de se iniciarem as entrevistas foram realizadas visitas à escola, tentando obter a autorização para a realização da pesquisa. Após a definição da amostra, realizaram-se encontros com as crianças, para facilitar a aproximação das mesmas com a pesquisadora. Nestes encontros foram feitas atividades lúdicas, seguindo o princípio da estratégia reativa, utilizado por Corsaro (2009).

As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas, em horário definido com a direção da escola e os respectivos professores das crianças. Logo após a entrevista, era solicitado que as crianças realizassem uma atividade projetiva, sugerindo ilustração de situações que envolviam práticas parentais.

2.5 Procedimento de análise de dados

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, de acordo com o método de análise apresentado por Bardin (2009). Na Primeira fase, foi feita uma pré-análise, a qual consistiu na transcrição completa das entrevistas e a sua reunião constituiu o corpus da pesquisa. Na segunda fase foi feita a exploração do material, com a definição de categorias e, por último, a etapa de organização da análise, com o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise de conteúdo das entrevistas foi possível categorizar as respostas dos participantes, considerando cada questão. Dessa forma, foram analisadas as categorias e suas respectivas frequências para cada questão, buscando-se identificar as diferenças significativas das respostas entre as crianças.

Em relação à questão “Você costuma conversar com seus pais?” verificou-se que 60 % das crianças responderam “sim”, 33,3% responderam às vezes e 6,7% das crianças participantes responderam “não”. A Tabela 1 ilustra essas respostas:

TABELA 1. Frequência e Percentuais de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Você costuma conversar com seus pais?”.

CATEGORIAS	<i>f</i>	%
Sim	9	60,0%
Às vezes	5	33,3%
Não	1	6,7%
TOTAL	15	100%

A partir das respostas, percebe-se que a maioria das crianças afirma que há certo tipo de diálogo entre elas e seus pais. Tais resultados também endossam a importância da comunicação entre pais e filhos, seja face a face, na brincadeira, na bronca ou na ajuda com lição de casa, o diálogo é essencial para o desenvolvimento cognitivo, pessoal e social da criança. Em relação ao desenvolvimento social, os estudos de Alvarenga & Piccinini (2007),

acentuam que, a convivência com os pais vai interferir de forma determinante nas habilidades sociais dos filhos, bem como na adequação dos comportamentos às demandas do contexto onde ele ocorre. Na infância, a competência social surge na interação da criança com seus pais e com as pessoas que o rodeiam e, nesse momento, ocorre à prática da empatia, da assertividade e da obediência que favorecem o desenvolvimento da cooperação.

Dessa forma, afirma-se que a capacidade da criança em se envolver em interações sociais de modo positivo com os pais contribuem como sinalizadores de um desenvolvimento social positivo. De acordo com Hoffman (1970), na disciplina indutiva, os pais fazem uso do diálogo para modificar, de forma voluntária, comportamento da criança, expondo as consequências de suas atitudes.

Sobre a questão “Sobre o que você costuma conversar com seus pais?” foram elaboradas as seguintes categorias:

Não respondeu: Essa categoria agrupou respostas que as crianças deram, evidenciando que não sabiam, não lembravam ou que esqueceram, como é explicitado nos exemplos abaixo: “esqueci...” (S.2). “Não sei... não me lembro...” (S.15).

Sobre o cotidiano escolar: Agruparam-se, nessa categoria, as respostas relativas à rotina escolar, às atividades, às relações entre amigos, às avaliações, descritos por meio dos seguintes exemplos: “Converso, sobre a escola, sobre as notas.” (S. 10). “A gente conversa só assim... (...) quando a pessoa ta fazendo a tarefa eles conversa, quando eu não sei minha mãe me ensina, meu pai me ajuda quando ele sabe.” (S. 9).

Sobre o cotidiano familiar: correspondeu ao agrupamento de respostas relativas à atividades realizadas no cotidiano familiar ou sobre a relação com outros parentes, sobre o cuidado, as experiências vividas pelas crianças, como ilustram os exemplos a seguir: “eu só converso com minha mãe...sobre as coisas... sobre as famílias”... (S. 8). “Sim...eles perguntam foi bom... foi bom alguma coisa...aí eu respondo, foi bom, foi bom... só isso... eles conversam.... quando ‘nois’ faz alguma coisa eles falam...quando ‘nois’ vai sair eles fala pra gente chegar em paz.... essas coisas...” (S..10 .6)

A Tabela 2 evidencia os resultados obtidos na questão: “Sobre o que você costuma conversar com seus pais?”. Esses resultados indicam uma frequência mais elevada de respostas relativas à categoria “Sobre o Cotidiano Escolar”, seguida da frequência de respostas relativas à categoria “Sobre o Cotidiano Familiar” e, finalmente, a frequência de respostas à categoria “ Não Respondeu”.

TABELA 2. Frequência e Percentuais de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Sobre o que você costuma conversar com seus pais?”.

CATEGORIAS	<i>f</i>	%
Sobre o cotidiano escolar	5	40,0%
Sobre o cotidiano familiar	4	33,3%
Não respondeu	6	26,7%
TOTAL	15	100%

A partir das respostas obtidas sobre os assuntos mais abordados na conversa com os pais, pode-se inferir que para as crianças, existe diálogo entre elas e seus pais. No entanto, este não remete à orientação sobre comportamento moral, mas principalmente sobre os aspectos escolares e familiares. Esse resultado indica também que, do ponto de vista das crianças, há uma comunicação entre pais e filhos, representando um interesse dos pais pelos filhos, pela vida deles, mais especificamente o cuidado com o futuro, como indica a categoria relativa ao cotidiano escolar.

Em relação à questão “Como seus pais agem quando você não faz o que eles pedem?” foram elaboradas as seguintes categorias:

Reclamar: corresponde ao agrupamento de respostas associadas às situações em que os pais demonstram insatisfação com o comportamento da criança por meio de expressões que significam: dizer que não é para desobedecer aos pais; ficar com raiva e brigar, como ilustram os exemplos a seguir: “só faz reclamar” (S. 11, 12), “eles reclamam... ficam falando um ‘mói’ de coisa... dá meia hora... e falando aquele sermão todo... (fala rindo) dizem que quando eles mandar fazer as coisas... é pra obedecer...” (S. 10, 6); “... ficam com tanta raiva que chega se estremecer” (S. 9, 1).

Colocar de castigo: agrupou respostas que indicam a privação de algo ou de alguma coisa das crianças, como trancar a criança num quarto, retirar brinquedos e não deixar sair de casa. As falas a seguir ilustram essa categoria: atente para os seguintes exemplos: “meu pai me coloca de castigo... não deixa eu ir brincar... deixa dois dias, uma semana... minha mãe... é do mesmo jeito... não deixa eu brincar com os meninos... jogar bola...” (S.11, 12), “ele deixa eu trancada sozinha no meu quarto, com a luz apagada... por que sabe que eu tenho medo de escuro” (S.14).

Bater: nessa categoria foram agrupadas as respostas que remetem ao comportamento de utilização da punição física, em contingência ao fato das crianças não agirem como os pais pedem. Os exemplos ilustram essa categoria: “mas tem vez que ela dá em mim... mas é muito difícil ela dá em mim...” (S. 14).

A Tabela 3 mostra as categorias relativas à questão “Como seus pais agem quando você não faz o que eles pedem?”. É possível verificar que se obteve maior frequência de respostas relativas à categoria “Reclamar”, seguida da categoria “Colocar de Castigo” e, por fim, a categoria “Bater”.

TABELA 3. Frequência e Percentuais de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Como seus pais agem quando você não faz o que eles pedem?”.

CATEGORIAS	<i>f</i>	%
Reclamar	13	46,4%
Colocar de castigo	10	35,8 %
Bater	05	17,8%
TOTAL	28	100%

É possível verificar que prevalece a tendência dos pais em controlar o comportamento da criança, seja por meio do diálogo voltado para explicar as consequências do comportamento socialmente inadequado, seja por meio do castigo e da punição física. Atente-se para o fato de que, ao se considera as frequências de respostas às categorias “Colocar de castigo” e “Bater”, predomina uma tendência dos pais em controlar o comportamento por meio da coação, indicando a utilização de práticas educativas predominantemente coercitivas, de acordo com a tipologia apresentada por Hoffman (1960).

Dessa maneira, infere-se que, de acordo com o olhar das crianças, a tendência dos pais é adotar tanto as práticas indutivas como as coercitivas. Para tal, tudo indica que há uma polarização entre o estilo autoritativo pelo uso das reclamações e o autoritário caracterizado pelo castigo e pela punição. Os estudos de (LOUREIRO & OLIVEIRA, 2014; 2015; LOUREIRO et al. 2016) indicam a predominância da adoção do estilo parental autoritário e uma ausência de afetividade entre pais e filhos.

Os resultados acima corroboram os resultados dos estudos de Weber, Viezzer e Brandenburg (2004), os quais indicam altos índices de utilização de palmadas e castigos nas práticas educativas de pais de crianças e adolescentes de escolas públicas e privadas da cidade de Curitiba/ PR. Outro estudo desenvolvido por meio do PIBIC/UEPB, analisou as representações sociais das mães de crianças pré-escolares, da rede municipal da cidade de Ingá -PB, sobre a formação moral de seus filhos. Os resultados indicaram que as participantes associam a formação de valores ao respeito e ao cumprimento das regras sociais, se percebem como principais responsáveis pela formação desse processo e suas práticas educativas estão associadas aos estilos autoritário e autoritativo (LOUREIRO, OLIVEIRA, 2015).

Em relação à análise dos dados apresentados, sobre a eficácia das palmadas e pancadas no processo educativo de crianças e adolescentes Patias, Siqueira e Dias (2013) apresentaram resultados de pesquisas no Brasil que apontam para os efeitos negativos desse tipo de prática, como comportamentos agressivos e baixa autoestima, constituindo-se um risco ao desenvolvimento saudável.

Na mesma direção os estudos de Minetto et.al. (2012) indicam que o desenvolvimento da criança depende da qualidade das interações que se estabelecem na família, pois é por meio delas que se aprendem regras, valores, comportamentos, habilidades, gostos e modos de se relacionar com o outro, sendo este o processo que orienta as suas possíveis relações na sociedade. Essas interações caracterizam as práticas educativas, que são estratégias utilizadas pela família para educar a criança em situações do dia a dia, sendo fundamental para o desenvolvimento e construção de sua identidade.

Sobre a questão “Em sua opinião, como os pais deveriam agir quando os filhos não fazem o que eles pedem?”, foram elaboradas as seguintes categorias:

Conversar: nesse caso foram agrupadas respostas associadas ao ato de conversar, ter mais diálogo, solicitar outra vez a execução dos comportamentos. Os exemplos a seguir ilustram essa categoria: “minha mãe era pra conversar...” (S. 11. 12), “falando... que é...é... pra obedecer aos pais... não tem?” (S. 10, 8), “ensinar... educar... ensinar a respeitar os mais velhos...” (S. 11. 11).

Colocar de castigo: corresponde ao agrupamento de respostas relativas ao ato de privar a criança de algum objeto ou alguma situação, como ilustram os exemplos a seguir: “Ele deixa eu trancada sozinha no meu quarto, com a luz apagada... porque sabe que eu tenho medo de escuro.”(S.1). “É... briga comigo, meu pai ele nunca bateu em mim, ele bota só de castigo, mas minha mãe já, mas faz tempo que a minha mãe bateu em mim.” (S.9).

Na Tabela 4 é possível verificar a frequência e os percentuais relativos às categorias identificadas nas respostas à questão “Em sua opinião, como os pais deveriam agir quando os filhos não fazem o que eles pedem?”. Percebe-se que há uma frequência maior de respostas à categoria conversar, seguida da frequência de respostas relativas à categoria “Colocar de castigo”.

TABELA 4. Frequência e Percentuais de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Como os pais deveriam agir quando os filhos não fazem o que eles pedem?”.

CATEGORIAS	<i>f</i>	%
Conversar	9	53%
Colocar de castigo	8	47 %
TOTAL	17	100%

Considerando o total de respostas, infere-se que algumas crianças afirmaram que os pais deveriam conversar e colocar de castigo também. No entanto, como prevaleceu à frequência de respostas relativas à categoria “Conversar”, parece haver uma tendência das crianças em preferirem o estilo autoritativo que, segundo Baumrind (1965) favorece ao desenvolvimento da autonomia da criança. Reconhece-se, no entanto, que as crianças demonstram nítida consciência de que deve haver controle dos pais sobre os seus comportamentos, para tanto, apontam a prática coercitiva como mais adequada, como indica a frequência de respostas relativas a essa categoria. Tal fato pode ser explicado considerando-se a idade das crianças que, segundo Piaget (1977), Kohlberg (1976), Hoffman (1990), é tipicamente caracterizada por uma relação de afeto e temor e por uma relação de heteronomia e respeito unilateral.

Pontua-se que ao valorizarem o diálogo e a conversa as participantes deste estudo parecem compreender que, como afirma Piaget (1977), são o afeto e a satisfação das necessidades que aproximam as crianças de seus genitores, possibilitando, assim, a formação de modelos de pai e mãe para a formação de valores.

Os dados obtidos parecem indicar que as crianças reconhecem e aceitam o poder de seus pais sobre elas, mas destaca-se, no entanto, que a despeito da relação de heteronomia, as crianças demonstram capacidade crítica de analisar a sua realidade, o seu lugar no contexto

social e na relação familiar tal como indicam os estudos de Corsaro (1997), Sarmiento (2008) e Sirota (1998). Ademais, as crianças parecem reconhecer a sua necessidade de autoridade na relação parental, bem como reconhecem que seus pais são fontes de afeto e modelos de aprendizagem, corroborando os estudos de Lubi, citado por Mondin (2008).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados e as discussões apresentadas evidenciaram o olhar das crianças sobre as relações parentais, especificamente em relação às práticas educativas dos pais. Pode-se verificar o quanto as crianças são perceptivas a sua realidade. Além disso, verificou-se que, como prática educativa, predomina a reclamação e o castigo como forma de controle do comportamento inadequado da criança. Contudo, observou-se que a maioria das respostas das crianças propõe o diálogo que remeta à orientação sobre comportamento (53%). Também ficou evidente que há diálogo por parte dos pais (93,3%), mas que este se limita a situações do contexto escolar. Por outro lado, 47% das respostas observadas, indicam que as crianças tendem a reconhecer a necessidade do castigo para o controle do comportamento inadequado. No entanto, é possível perceber, na fala das crianças, uma capacidade de identificar o estilo autoritativo como o mais adequado para as relações. Ficou evidente que as crianças percebem e aceitam a necessidade de haver controle de seus comportamentos, mas apontaram também a importância do diálogo.

Tais resultados parecem revelar a capacidade da criança analisar a sua realidade circundante criticamente, reconhecendo a importância da autoridade dos pais, mas não aceitando o estilo autoritário. Enfatiza-se, portanto, a relevância de se realizar pesquisas com crianças, considerando a capacidade desses sujeitos de analisar criticamente a sua realidade, emitir juízo de valores e ser ativa, diante de sua história e de sua cultura, como defendem os estudos de Corsaro (1997), Rocha (2008), Sarmiento (2008) e Campos (2008).

De acordo com os resultados obtidos se evidencia a importância de escutar a criança, reconhecer a sua capacidade de analisar suas experiências e elaborar criticamente juízo de valores sobre suas relações parentais. Portanto, a partir dessa discussão lançada, o estudo torna-se de grande valia para a sociedade, pois, a partir deste, comprova-se o quanto a criança é um sujeito ativo dentro do contexto em que participa. Assim, considera-se a relevância desse estudo no sentido de sensibilizar os pais para que estes escutem seus filhos e reflitam sobre suas relações parentais, a partir do ponto de vista dos seus filhos.

Portanto, esse estudo favoreceu grandemente o desenvolvimento acadêmico da pesquisadora, de modo que ampliou os conhecimentos teóricos sobre a Psicologia, especialmente na área educacional, somado ao contato com a realidade social e cultural das crianças, o que possibilitou maior troca de saberes que, por sua vez, abriram novos horizontes para a formação profissional.

ABSTRACT

This article, based on the parental relationships that exist in several models of family, search annalize the look of the children about the relations existed between parents and their kids. Such fact is justified considering the innumeros complaints presented by the family and by the school about the difficulties of the relationship both with the kids and the teenagers, considering, mostly the themes related to the limits and the respects. It is assumed that the family is, admittedly, the principal institution responsible for the education of their children and, understanding that, they influence in a determinant way about the development of the human being, in your affective, cognitive, social and cultural dimensions. Is in this point, on the breast of the family where the links are made and the values, the believes and the feelings are stabilized. In addition, it can not leave without analyzing the historical, cultural and social influences of the different models of families and about the different ways of parental relationships. In this context, is searched specifically study how the little minors analyzed the relationship with their parents, characterizing the parental style and the educational practice. For that, it was used a quantitative methodology, of the descriptive type, whose participants was 15 kids of public school, with the variants ages between 9 and 11 years old. The instrument used was a half structured, taped and transcribed with the intention of being analyzed from a bardinian(!) content analysis. It is important, therefore, showing the critical capacity of the infants and the importance of doing this research with this age range helping the parents for a reflection about the consequences that the parental relationship brings to their children.

Keywords: Parental Relationship. Parental Style. Educational practices. Child/Kid.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

ALVARENGA, P.; & PICCININI, C. A. **Práticas educativas maternas e indicadores do desenvolvimento social no terceiro ano de vida**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2007.

BAUMRIND, D. Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. **Child Development**, nº37, v4, 1965 887-907.

Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1126611>>. Acessado em: 13 abril 2018.

BAUMRIND, D. **Parental control and parental love**. *Children*, 1965.

BEM, L., & WAGNER, A. **Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico**. *Psicologia em Estudo*, 2006.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologia: Uma introdução ao estudo de psicologia**. – 13. Ed. reform. e ampl.- São Paulo: Saraiva, 2002.

CORSARO, W. A. **The Sociology of Childhood**. Pine Forge, 1997.

DARLING, N.; & STEINBERG, L. **Parenting Style as Context: an integrative Model**. *Psychological Bulletin*, 1993.

GALANO, M. H. **Família e História: a história da família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

HERNANDÉZ, M. D. G.; RODRÍGUEZ, G. R.; & ZAMORA, A. L. **La construcción de valores em la família**. In M. J. Rodrigo & J. Palacios (Eds.), *Familia y desarrollo humano*. Madrid: Alianza editorial, 1998.

HINTZ, H. C. **Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade**. *Pensando Famílias*, 2001.

HOFFMAN, M. **Discipline and Internalization**. *Developmental Psychology*, 1991.

KOHLBERG, L. Moral Stages and Moralization the Cognitive-developmental Approach. In: Likona, T. **Moral Development and Behavior: Theory, Research and Social Issues**. New York. Holt, Rinehart and Winston, 1976.

KREPPNER, K. The child and the family: **Interdependence in developmental pathways**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2000.

LOUREIRO, A. C. R.; & OLIVEIRA, A. A. de **Representações Sociais de Mães sobre a Formação de Valores Morais**. Pesquisa de PIBIC. Universidade Estadual da Paraíba-UEPB- PB, 2015.

MACCOBY, E.; & MARTIN, J. **Socialization in the context of the family: Parent-child interaction**. Em E.M. Hetherington (Org.), *Handbook of child psychology*, v. 4. Socialization, personality, and social development (4ª ed). New York: Wiley, 1993.

MILLAN, E.A.; BORGES L.; CIA.F. **Importância da família e contribuição dos pais para auxiliar os filhos na escola: Opinião dos professores**. VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL Londrina, 2013.

MINETTO, M. F., et al. **Práticas educativas e estresse parental de pais de crianças pequenas com desenvolvimento típico e atípico**. Educar em Revista, Editora UFPR, Curitiba, 2012.

MONTANDON, C. **As práticas educativas parentais e a experiência das crianças**. Revista Educação & Sociedade, 2005.

PATIAS, SIQUEIRA & DIAS. **Os Direitos da Criança e do Adolescente na Percepção de Adolescentes dos contextos urbanos e rural**. Psicologia: Ciência e Profissão, 2013.

PATIAS, N D.; SIQUEIRA, A. C.; DIAS, A. C. **Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. Mudanças** – Psicologia da Saúde, 2013.

PIAGET, J. **O Julgamento Moral na Criança**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**, 3ed. Rio de Janeiro: Forense, 1975.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SARMENTO, J. M. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, J. M. & GOUVEIA, M. C. S. **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

SISTO, F.F. & MARTINELLI, S.C. **Afetividade e dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Vetor, 2006.

SIGOLO, S. R. R. L. **Favorecendo o desenvolvimento infantil: ênfase nas trocas interativas no contexto familiar**. In E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A. Williams (Orgs.). *Temas em Educação Especial: avanços recentes*. São Carlos: Edufscar, 2004.

SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica**. 2º Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

STEINBERG, S. R.; & KINCHELOE, J. L. **Cultura infantil : a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2001.

TONI, C. G. S.; HECAVEÍ, V. A. **Relações entre práticas educativas parentais e o rendimento acadêmico em crianças**. Psico-USF, Bragança Paulista, 2014.